Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Era 1º de abril

Juca Rielli e funcionários da fábrica de refrigerantes Radial, com o chefe Décio Citrangullo (segundo à direita) | *Arquivo de Nestor Leme*

Acordei cedo no dia 1º de abril deste ano de 2025, mas como não tinha nada de importante programado para aquele dia, fiquei na cama remexendo nas lembranças, procurando assunto para escrever mais um causo. Então lembrei que o dia que estava raiando era 1º de abril, o Dia da Mentira. E das lembranças que voltaram da infância distante, lembrei das tias, dos primos e dos amigos que seriam nossas vítimas ou nossos enganadores, nas mentiras que tentaríamos passar neles ou que eles tentariam nos passar. Aí pensei: como teria começado a tradição de o 1º de abril ser usado para essas brincadeiras?

Descobri que, até o século [illegible], o calendário [illegible] Juliano para a contagem do tempo, um calendário em que o ano novo começava no 1º dia do mês de abril. Com a instituição do cristianismo, passaram a usar o calendário Gregoriano, que começa no dia 1º de janeiro, com grandes comemorações nos países onde esse calendário foi adotado. Então, por que 1º de abril passou a ser usado como o Dia da Mentira?

Soube que, como acontece hoje, quando comemoramos a entrada do ano novo no 1º de janeiro, no tempo do calendário Juliano as pessoas comemoravam a data em 1º de abril. Depois da mudança, essas festas perderam o sentido, porque o 1º de abril passou a ser um dia comum. Porém, os que gostavam de brincadeiras continuaram convidando seus amigos e familiares para comemorar a passagem do ano com eles na data antiga. Quando os convidados chegavam para essas festas e davam de cara com as portas fechadas, percebiam que haviam caído no logro. O costume de fazer essas brincadeiras se espalhou e chegou ao Brasil com os europeus, que passaram a usar o dia para enganar os outros ou serem enganados por eles.

Atualmente, com as pessoas mais atentas aos celulares do que aos acontecimentos, o Dia da Mentira foi esquecido, diferente de antigamente, quando [illegible] rando que ele chegasse para tramarmos maquinações e enganar os outros. Também ficávamos atentos para não cair nas brincadeiras deles. Foi assim que voltei a um 1º de abril, no tempo em que trabalhei na fábrica dos Refrigerantes Radial, época em que tínhamos como chefe de pessoal o Décio Citrangullo, um chefe sério, que não gostava de brincadeiras, não chamava ninguém por seus apelidos em um lugar cheio de apelidos, onde até ele tinha um, mas que só era mencionado quando ele não estava ouvindo.

Naquele tempo, o Décio fazia um curso de eletrotécnico por correspondência e recebia, via correio, pacotes com material do curso. E num dia 1º de abril, o escriturário Sidney Ferraresso, com ordem do Dito Pedroso, chefe do escritório, ajeitou uma tábua retangular, de mais ou menos um palmo de tamanho, e colocou-a em um envelope já usado, retirado da gaveta do Décio e que tinha o timbre do instituto onde ele fazia o curso. Lacrou o envelope e pediu ao Ermínio Carteiro, que passava pela Rua do Sapo, que o entregasse ao destinatário.

O Décio abriu o envelope e, ao retirar a tábua, ficou furioso, pois sobre ela havia um papel com as letras maiúsculas: "CAIU NO 1º DE ABRIL". Pela cara que fez, percebemos que ele não gostou de ser logrado. Já sabia da brincadeira de antemão, mas segurei o riso e só caí na risada quando o vi rumar para o escritório, pisando duro, para saber quem foi o autor do logro. Mas lá, ouviu o patrão, Ettore Saragiotto, dizer, com a maior cara de pau, que não sabia nada do caso.

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

O clube dos insatisfeitos

Todos nós temos amigos que nunca gostam de nada, não é mesmo? Se o dia tem sol, reclamam do calor; se chove, resmungam da umidade; se o restaurante é fino, a comida não tem gosto; se é simples, não tem higiene. Essa turma parece incrível, e não consegue ver prazer em nada.

Experimente convidá-los para um almoço despretensioso na feira, com pastel crocante e tubaína gelada. Essas pessoas olham pra você com uma cara de desdém. "Pastel? De feira?! Com aquele óleo? Tubaína? Muito doce, artificial, coisa de infância, pobre". É assim, faz cara feia e me faz mudar de planos, pois esses, elas não querem de jeito nenhum. Afastam-se do convite como quem foge de uma cilada.

Mas quem é insatisfeito reclama de tudo. O filme nunca é bom o suficiente - o roteiro é fraco, os atores são medianos, a fotografia não convence. O show? Alto demais. A viagem? Cansativa. O vinho? Muito seco. O sorvete? Muito doce. O silêncio? Angustiante. A conversa? Chata.

Sei que exagero, pois nem sempre tem uma pessoa que reclama de tudo, mas tem gente que é muito reclamona, e se não reclamar, ela não está feliz. O descontentamento está no ar e transforma qualquer encontro em um exercício de paciência.

O curioso é que os participantes dessa turma não percebem que estão sendo chatos. Aos poucos, todos vão deixando de lado alguém assim. Os amigos param de chamá-los, os convites somem, e a solidão se instala. As pessoas não fazem isso por crueldade, mas porque conviver com um eterno reclamante é como carregar um guarda-chuva furado em dia de tempestade: um desgaste sem propósito; uma energia ruim que faz com que você fique com um peso enorme.

Pra mim, a vida é feliz porque posso comer um pastel da Sonia na feira, comer sushis do japonês, brindar com uma tubaína, rir muito e, em outras ocasiões, brindar com "veuve clicquot", comer caviar e, em todas as ocasiões, a felicidade e o prazer fazem parte daqueles que são satisfeitos com a vida. Afinal, nem tudo precisa ser luxuoso. A vida me lembra uma feira livre, e quem se recusa a experimentar o que ela oferece acaba voltando para casa de mãos vazias.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A emoção da arte: Uma verdade que a IA não capta

Esta semana, enquanto a Slow Art Week Brazil embevecia nossos corações com a rica tapeçaria do "Do Rural Ao Urbano - A Diversidade Das Artes", permiti-me uma experiência um tanto... cibernética! Pus uma IA - Inteligência Artificial para assistir a um vídeo da exposição. Queria, confesso, espiar o evento pelos "olhos" impessoais da lógica binária.

A análise da máquina, devo dizer, foi de uma precisão cirúrgica! Descreveu as camadas de tinta nas homenagens urbanas, catalogou a fauna surrealista dos caraóis e da torre, identificou o surrealismo steampunk dos imigrantes na pintura do trem. Notou, com acuidade fria, a força ancestral dos indígenas em meio à natureza exuberante, o mistério da sereia em seu reino aquático, e até mesmo a singela homenagem ao nosso café serrano. Tecnicamente impecável, como um laudo pericial de um crime artístico!

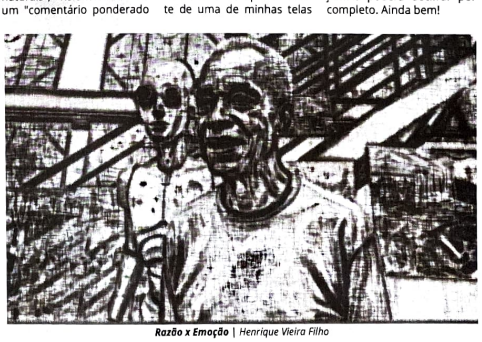
A IA discorreu sobre a "abordagem em camadas", o "uso de cores fortes e saturadas", a "qualidade tátil" do impasto na tela da indígena Lindóia com a cobra. Falou em "justaposição de cenas urbanas com imagens naturais", vislumbrando ali um "comentário ponderado sobre a modernização". Louvou a "mistura interessante de temas" e as "homenagens claras a diferentes cidades e estilos artísticos". Chegou, inclusive, a apontar possíveis "críticas", como a saturação excessiva em algumas obras ou a "falta de foco claro" em outras! Tudo ali, preto no branco digital, era verdade. A máquina havia destrinchado a exposição com a objetividade de um bisturi eletrônico!

Mas faltava algo... Uma nota dissonante no algoritmo perfeito. Um sopro de vento que não movimenta os dados. Faltava, meus caros, a ALMA! Enquanto a IA dissertou sobre a "qualidade etérea e onírica" das sereias, eu me recordava do brilho úmido nos olhos e o sorriso da ativista indígena Kena Marubo, que parou extasiada diante daquela tela, murmurando sobre as lendas de sua infância à beira do rio.

E então me veio à memória o maior elogio que jamais recebi. Não foi de um renomado curador, nem de um galerista com olfato para o sucesso. Foi aqui, em nossa Serra Negra, um senhor de mãos calejadas, rosto marcado pelo sol e um olhar que carregava a sabedoria das montanhas. Ele parou diante de uma de minhas telas - talvez uma daquelas que a IA considerou com "cores excessivamente saturadas" - e simplesmente... chorou. Não disse uma palavra. Apenas ficou ali, imerso em um universo particular que aquela tela havia despertado.

Naquele instante, meus prezados, senti que toda a minha busca por expressar o mundo, por traduzir em cores e formas as nuances da vida, havia encontrado seu eco mais profundo. Aquelas lágrimas valiam mais que todas as análises técnicas, mais que todas as críticas positivas. Eram a prova de que a arte pulsa em um ritmo que vai além da lógica fria dos algoritmos!

A Inteligência Artificial pode descrever a técnica, catalogar os elementos, até mesmo prever tendências. Porém, jamais compreenderá o tremor no peito diante de uma cor que ressoa com uma memória antiga, o nó na garganta diante de uma forma que evoca uma saudade adormecida. A arte, meus amigos, é um diálogo entre corações, um idioma silencioso que a alma entende sem precisar de legendas ou "metadados". E essa, ah, essa é uma verdade nua e crua que nenhuma máquina jamais poderá decifrar por completo. Ainda bem!



Razão x Emoção | *Henrique Vieira Filho*

RSN
AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

A emoção da arte: Uma verdade que a IA não capta

Esta semana, enquanto a Slow Art Week Brazil embevecia nossos corações com a rica tapeçaria do "Do Rural Ao Urbano - A Diversidade Das Artes", permiti-me uma experiência um tanto... cibernética! Pus uma IA - Inteligência Artificial para assistir a um vídeo da exposição. Queria, confesso, espiar o evento pelos "olhos" impessoais da lógica binária.

A análise da máquina, devo dizer, foi de uma precisão cirúrgica! Descreveu as camadas de tinta nas homenagens urbanas, catalogou a fauna surrealista dos caracóis e da torre, identificou o surrealismo steampunk dos imigrantes na pintura do trem. Notou, com acuidade fria, a força ancestral dos indígenas em meio à natureza exuberante, o mistério da sereia em seu reino aquático, e até mesmo a singela homenagem ao nosso café serrano. Tecnicamente impecável, como um laudo pericial de um crime artístico!

A IA discorreu sobre a "abordagem em camadas", o "uso de cores fortes e saturadas", a "qualidade tátil" do impasto na tela da indígena Lindóia com a cobra. Falou em "justaposição de cenas urbanas com imagens naturais", vislumbrando ali um "comentário ponderado sobre a modernização". Louvou a "mistura interessante de temas" e as "homenagens claras a diferentes cidades e estilos artísticos". Chegou, inclusive, a apontar possíveis "críticas", como a saturação excessiva em algumas obras ou a "falta de foco claro" em outras! Tudo ali, preto no branco digital, era verdade. A máquina havia destrinchado a exposição com a objetividade de um bisturi eletrônico!

Mas faltava algo... Uma nota dissonante no algoritmo perfeito. Um sopro de vento que não movimenta os dados. Faltava, meus caros, a ALMA! Enquanto a IA dissertou sobre a "qualidade etérea e onírica" das sereias, eu me recordava do brilho úmido nos olhos e o sorriso da ativista indígena Kena Marubo, que parou extasiada diante daquela tela, murmurando sobre as lendas de sua infância à beira do rio.

E então me veio à memória o maior elogio que jamais recebi. Não foi de um renomado curador, nem de um galerista com olfato para o sucesso. Foi aqui, em nossa Serra Negra, um senhor de mãos calejadas, rosto marcado pelo sol e um olhar que carregava a sabedoria das montanhas. Ele parou diante de uma de minhas telas - talvez uma daquelas que a IA considerou com "cores excessivamente saturadas" - e simplesmente... chorou. Não disse uma palavra. Apenas ficou ali, imerso em um universo particular que aquela tela havia despertado.

Naquele instante, meus prezados, senti que toda a minha busca por expressar o mundo, por traduzir em cores e formas as nuances da vida, havia encontrado seu eco mais profundo. Aquelas lágrimas valiam mais que todas as análises técnicas, mais que todas as críticas positivas. Eram a prova de que a arte pulsa em um ritmo que vai além da lógica fria dos algoritmos!

A Inteligência Artificial pode descrever a técnica, catalogar os elementos, até mesmo prever tendências. Porém, jamais compreenderá o tremor no peito diante de uma cor que ressoa com uma memória antiga, o nó na garganta diante de uma forma que evoca uma saudade adormecida. A arte, meus amigos, é um diálogo entre corações, um idioma silencioso que a alma entende sem precisar de legendas ou "metadados". E essa, ah, essa é uma verdade nua e crua que nenhuma máquina jamais poderá decifrar por completo. Ainda bem!

Razão x Emoção | *Henrique Vieira Filho*